



II Colóquio Latino-Americano sobre Insurgências Decoloniais, Psicologia e os Povos Tradicionais

“Como será o amanhã?”

Perspectivas e horizontes para a América Latina

22 a 25 de junho de 2021

O PENSAMENTO DECOLONIAL NO CONTO *DANDARA: A RAINHA GUERREIRA DE PALMARES* DE NEWTON NITRO

Gessica Brenda Lima da Silva Coelho¹

Jeffrey Marley da Silva Miranda²

Mariana Soares dos Santos³

Taba 7 - Aníbal Quijano, Eduardo Galeano e Dandara dos Palmares Fazeres decoloniais, Literaturas viscerais e outras estéticas

Resumo: As narrativas referentes à história do Brasil carregam consigo um apagamento histórico dado aos feitos de grandes heroínas. Quando estas são mencionadas, destaca-se apenas seu papel de pessoa exemplar e companheira de algum outro grande homem. Assim, esse machismo epistemológico oblitera o protagonismo feminino presente na história do país, o que ocasiona um lapso no que diz respeito à representatividade. Tendo em vista isso, este estudo anseia reverberar a história de um ícone da resistência negra feminina no período colonial do Brasil por intermédio da análise do conto ficcional *Dandara: A Rainha Guerreira de Palmares*, de Newton Nitro, dedicando à figura de Dandara um espaço de protagonismo, considerando a história dessa mulher multifacetada, que foi mais que apenas a mulher de Zumbi dos Palmares. Sendo assim, o presente artigo, cuja a metodologia é de caráter bibliográfico e se embasa na leitura dos estudos decoloniais para compreender os espaços reservados à questão racial dentro do paradigma da colonização e das novas perspectivas oferecidas pelas discussões acerca da decolonialidade na contemporaneidade. Para isso utiliza-se aqui considerações das obras de Arraes (2016); Cristina, Tristan (2018); De Beauvoir (2014); Duarte (2002), Hall (2003), Quijano (2005), Freyre (1933) e Palm e Massagli (2015). Dessa forma, é importante destacar que as revisões dispostas pelos estudos decoloniais oportunizam a compreensão da história de Dandara dos Palmares, considerando uma dimensão mais ampla da história colonial brasileira, tendo em vista os fatores de silenciamento histórico do racismo e machismo que norteiam a narrativa oficial da história brasileira. Nesse sentido, Dandara, que anteriormente costumava ser apresentada somente como uma personagem histórica acessória, no conto aqui analisado é apresentada como uma protagonista cheia de representatividade, independente dos diversos papéis que assumia na sociedade naquele momento. Por fim, nota-se que apesar das inúmeras tentativas de apagamento histórico, Dandara se tornou importante e é lembrada e homenageada por meio da literatura recente, local este onde a ficção se mistura com a história, e a mulher preta pode ter seu protagonismo de luta e força finalmente reconhecido.

Palavras-chave: Decolonialidade. Dandara. Conto.

¹ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina – UEMASUL (2019). Graduada em Letras/Inglês pela Universidade Estadual do Maranhão- UEMA (2013) e graduada em Direito pela Universidade Federal do Maranhão (2014). Pós-graduada em Língua Inglesa pela Faculdade Internacional Signorelli (2017). gessica.silva@uemasul.edu.br.

² Mestrando em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina – UEMASUL (2019). Graduado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão – UEMA (2014). jeffrey.miranda@uemasul.edu.br.

³ Mestranda em Letras pela Universidade Estadual da Região Tocantina – UEMASUL (2019). Graduada em Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas da Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Região Tocantina do Maranhão – UEMASUL (2018). É especialista em Metodologias Inovadoras aplicadas a educação e ensino de Língua Portuguesa, pelo Instituto de Ensino Superior Franciscano (IESF - 2018). mariana.santos@uemasul.edu.br.

Resumen: Las narrativas referentes a la historia de Brasil llevan consigo un borrado histórico dado a las hazañas de grandes heroínas. Cuando se mencionan estos, solo se destaca su papel de persona ejemplar y compañera de algún otro gran hombre. Así, este machismo epistemológico borra el protagonismo femenino presente en la historia del país, lo que provoca un lapsus de representación. Con esto en mente, este estudio tiene como objetivo reverberar la historia de un ícono de la resistencia femenina negra en el período colonial de Brasil a través del análisis del cuento de ficción *Dandara: A Rainha Guerreira de Palmares*, de Newton Nitro, dedicando un espacio de espacio a la figura del protagonismo de Dandara, considerando la historia de esta mujer polifacética, que fue más que la esposa de Zumbi dos Palmares. Así, este artículo, cuya metodología es de carácter bibliográfico y se basa en la lectura de estudios descoloniales para comprender los espacios reservados a la cuestión racial dentro del paradigma de la colonización y las nuevas perspectivas que ofrecen las discusiones sobre la descolonialidad en la contemporaneidad. Para ello, se utilizan aquí consideraciones de los trabajos de Arraes (2016); Cristina, Tristan (2018); De Beauvoir (2014); Duarte (2002), Hall (2003), Quijino (2005), Freyre (1933) y Palm y Massagli (2015). Por lo tanto, es importante resaltar que las revisiones proporcionadas por los estudios descoloniales brindan una oportunidad para comprender la historia de Dandara dos Palmares, considerando una dimensión más amplia de la historia colonial brasileña, en vista de los factores históricos silenciadores del racismo y el machismo que orientan a los funcionarios. narrativa de la historia brasileña. En este sentido, Dandara, quien anteriormente solía ser presentada solo como un personaje histórico accesorio, en la historia aquí analizada se presenta como una protagonista llena de representación, independientemente de los diversos roles que asumió en la sociedad en ese momento. Finalmente, se observa que a pesar de los numerosos intentos de borrado histórico, Dandara se ha vuelto importante y es recordada y honrada a través de la literatura reciente, un lugar donde la ficción se mezcla con la historia, y la mujer negra puede jugar el papel protagónico de la lucha y la fuerza finalmente reconocida. .

Palabras clave: descolonialidad. Dandara. Cuento.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se estuda sobre a história do Brasil, só são apresentados heróis nacionais, omitem-se as heroínas, pois todo esse protagonismo feminino foi silenciado na historiografia em benefício do estabelecimento de uma história protagonizada por homens brancos. E quando se fala dessas mulheres que foram silenciadas, é válido destacar que são mulheres brancas, pois as negras nem falar ou agir podiam, já que eram exploradas sexualmente e usadas como escravas para reprodução, além de serem submetidas à violência física e sexual, assédio moral e sadismo (FREYRE, 1933).

Simone de Beauvoir em sua obra “O Segundo Sexo”, destaca que quando se faz menção às mulheres na história, elas são representadas apenas como figuras exemplares e não como agentes históricos. As mulheres só se igualam aos homens, no que diz respeito à capacidade, quando recebem um propósito divino a ser executado, caso contrário, são apenas testemunhas de grandes mártires, ficando sempre à margem da história, tendo suas ações vistas com menos notabilidade, até pelo caráter subjetivo dado à grandeza de seus atos. (DE BEAUVOIR, 2014).

Entendendo que há esse apagamento epistemológico da mulher na história, é válido destacar também as representações conservadoras que são criadas sobre as mulheres no imaginário social por intermédio dos filmes, o que corrobora para que se reafirme a narrativa da passividade vinculada à mulher. A professora Rosália Duarte, em seu livro *Cinema e Educação* (2002) pontua algo de grande relevância quando ratifica que:

O protagonismo feminino nas narrativas fílmicas é fortemente marcado por definições misóginas do papel que cabe à mulher na sociedade: casar-se, servir ao marido, cuidar dos filhos, amar incondicionalmente. Mulheres livres, fortes e independentes são frequentemente apresentadas como masculinizadas, assexuadas, insensíveis e traiçoeiras. (DUARTE, 2002, p.54)

Tendo em vista este contexto apresentado, o presente estudo busca trazer luz à história de um ícone da resistência negra feminina no período colonial do Brasil por intermédio da análise do conto ficcional *Dandara: A Rainha Guerreira de Palmares* (2015), com o propósito de tirar do anonimato a história desta mulher multifacetada, que foi muito mais que a esposa de Zumbi. Nesse sentido, busca-se entender por meio dos estudos decoloniais a construção de Dandara como uma heroína brasileira ainda desconhecida do imaginário coletivo, em virtude dos apagamentos promovidos pelo colonialismo histórico.

Dandara: a rainha guerreira de Palmares é um conto de autoria de Newton Nitro, escritor mineiro, que desde a década de 90 se dedica à escrita de contos e livros de RPG, fazendo uso da literatura de ficção como uma forma de criar e mapear novos espaços imaginários, criando novas mitologias para substituir as mitologias impostas pela cultura promovida pelo capitalismo e suas corporações midiáticas. Uma maneira de reconquistar os espaços imaginários devastados pelo contínuo bombardeamento de narrativas eurocêntricas.

2. O PENSAR DECOLONIAL

O conceito de decolonialidade envolve a revisão de discursos historicamente estabelecidos e reproduzidos em sociedade, entendendo que os avanços do capitalismo na vida moderna, além de cooperar com os processos de preservação das relações coloniais também exclui o (re)conhecimento dos povos tradicionais e outros grupos sociais ditos minoritários (MANGUEIRA, 2019, p.1).

As discussões entorno dos pressupostos decoloniais se debruçam sobre a análise e a reflexão das estruturas de poder que surgem na modernidade (ELIZALDE; FIGUEIRA; QUINTERO, 2019, p.5), a partir dos efeitos que o colonialismo ainda tem sobre as relações sociais na contemporaneidade, uma vez que “[...] na narrativa reencenada do pós-colonial, a colonização assume o lugar e a importância de um amplo evento de ruptura histórico-mundial.[...]” (HALL, 2003, p. 112-113). Nesse sentido, a projeção da teoria decolonial além de uma revisão sobre os alicerces que fundamentaram as sociedades modernas, também é uma forma de compreender os deslocamentos de poder instituídos sob a condição pós-colonial (HALL, 2003, p.113).

Nessa perspectiva, Quijano (2005, p. 117) discute a ideia de racialidade na conjuntura moderna como uma concepção sem história reconhecida na América. Sendo assim, as diferenças fenotípicas foram basilares para a construção das diferenças e do lugar relegado aos grupos dominados pelas atividades eurocêntricas, “[...] Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população.” (QUIJANO, 2005, p.117), e contribuíram para o ideário opressor do colonizador ainda presente nas relações modernas.

Ademais, a história das mulheres foi, por muito tempo, deixada de lado, principalmente das mulheres negras. Assim, é sabido da existência de algumas personagens presentes em diversos fatos históricos da sociedade brasileira, mas que foram pouco observadas historicamente. Nesse contexto, a metaficção historiográfica surge como uma ferramenta de reconstrução do passado, ao recontar histórias surgidas no imaginário de diversos autores, mas que mantém características originais tanto do fato histórico, como do personagem descrito. É uma mistura de elementos ficcionais com elementos reais, e acima de tudo, pode ser usada para preencher esse lapso da história.

A metaficção propõe um jogo ao leitor, fazendo alusão às formas nas quais se lê, escreve e se concebe a ficção. Ao fazer isso, também trabalha com as brechas deixadas pela história. [...] A metaficção historiográfica aborda as questões das referências do passado, colocando em evidência os fatos antes esquecidos pelas narrativas oficiais (PALM E MASSAGLI, 2015, p.6).

No caso específico de Dandara, no qual pouco se sabe sobre detalhes de sua vida e ações, a metaficção surge como um instrumento de complementação e justiça histórica, dando protagonismo a uma personagem importante para a disseminação de saberes sobre resistência, luta e aceitação de sua ancestralidade.

Segundo Hutcheon (1991, p. 151), os protagonistas da metaficção são exatamente os *outsiders*, ou seja, os marginalizados, e esta narrativa carrega uma ideologia de “pluralidade e reconhecimento da diferença”. Além disso, a autora continua a descrever o gênero ao dizer que “a metaficção historiográfica se aproveita da verdade e das mentiras do registro histórico”. Desse modo, na metaficção não há o reconhecimento do paradoxo entre realidade e passado, pois o foco é seu alcance textualizado para o presente (HUTCHEON, 1991).

Por fim, ao recontar a história de Dandara, sob o ponto de vista do conto aqui analisado, é proposta a utilização dos aspectos históricos reais e mitológicos. Dandara é uma figura imortalizada através de suas lendas transpostas na literatura, pois a história não foi capaz de lhe fazer jus no período correto. Essa compreensão sobre Dandara faz parte da perspectiva decolonial de leitura, que como afirma Quijano “[...]Trata-se da mudança do

mundo como tal. Este é, sem dúvida, o elemento básico da nova subjetividade: a percepção da mudança histórica[...]” (2005, p.124). Então, com o uso da metaficção histórica busca-se dar visibilidade a uma personagem que jamais deveria ter sido colocada de lado. A personagem é importante por si só, como mulher preta, sem acompanhamento masculino ou acessório, e é assim que a trataremos neste estudo.

3. DANDARA DOS PALMARES

Apesar da indefinição sobre a real existência de Dandara, há fortes indícios que testificam a existência dessa guerreira que foi uma grande liderança no quilombo de Palmares, um dos pioneiros e maiores símbolos de resistência ao sistema escravocrata do período colonial. Pioneiro, pois desde o final do século XVI já havia testemunhos de sua existência, que durou cerca de um século, considerado o maior quilombo, pois de acordo com registros (MOURA, 1988) abrigou cerca de 20 mil pessoas, na Serra da Barriga, localidade que hoje é pertencente ao estado de Alagoas. Neste espaço não havia apenas negros escravizados, mas também, brancos e indígenas.

Frisa-se aqui a escassez de fontes e dados históricos oficiais acerca do protagonismo de mulheres no decorrer do processo histórico nacional, principalmente quando se fala de mulheres negras. O que a historiografia não contempla sobre Dandara e outras heroínas negras, vê-se presente em iniciativas individuais e coletivas promovidas pelo movimento negro no Brasil, que em uma tentativa de denúncia a esse apagamento epistemológico machista e racista, documentam essas escassas informações, algumas vezes controversas, sobre a história de Dandara e de outras mulheres.

A nacionalidade de Dandara dos Palmares é desconhecida, não sendo capaz de definir se é africana ou brasileira, contudo, há estudos (CRISTINA, TRISTAN, 2018) que mostram sua possível pertença à nação Nagô-jejê⁴. Sabe-se que ela viveu na segunda metade do século XVII em Palmares, sendo a companheira de Zumbi e com ele teve três filhos, a saber: Aristogíton, Harmódio e Motumbo.

Antes de Palmares ter como liderança Zumbi dos Palmares, seu líder era Ganga Zumba que aceitou negociar a liberdade de alguns com os bandeirantes que queriam destruir o quilombo. Ao saber disso Dandara enfurecida manifesta-se contra e faz ecoar sua opinião por todo o quilombo que já estava ciente das suas ações. Dandara, juntamente com outros

⁴ Nagô: Nome pelo qual se tornaram conhecidos no Brasil os africanos do grupo iorubá. Jeje: Uma 'nação' africana, oriunda do antigo Daomé. O nome, ao que consta, é de origem iorubá (àjeji), significando 'estrangeiro', e é o qualificativo com esse povo distinguia os indivíduos do povo fon.

guerreiros invadia senzalas a fim de libertar os negros escravizados que ali estavam, além de incendiar plantações de senhores escravagistas. Ela foi uma mulher à frente de seu tempo. Jarid Arraes (2016) em um de seus cordéis traz essa faceta guerreira e libertária de Dandara:

Porque tinha bem certa uma baita opinião
Liberdade para poucos não conforta o coração
O Quilombo que existia
Para todos lutaria
Sem abrir uma exceção.

É por isso que Dandara tinha fé no guerrear
Confiava nas batalhas para tudo transformar
A paz só existiria
Pelo que conquistaria
Para todos libertar.

De acordo com Arraes (2016), dentre as diversas mulheres de Palmares, Dandara destacava-se por ser singular, nunca se conformando em ser apenas a mulher cujas únicas preocupações deveriam ser filhos, marido e fazeres domésticos. Ela era uma exímia caçadora, capoeirista, além de saber lutar com bastante destreza.

Essa obliteração dada aos feitos das heroínas brasileiras ocasiona uma lacuna no que diz respeito à representatividade. Uma questão problemática, pois impede que meninas brasileiras ao estudarem a história de seu país, não se sintam plenamente representadas. Carolina Maria de Jesus em seu livro “O Quarto de Despejo” (1960), apresenta esse desejo de se vê representada na história de seu país, quando diz:

Quando eu era menina o meu sonho era ser homem para defender o Brasil, porque eu lia a história do Brasil e ficava sabendo que existia guerra, só lia os nomes masculinos como defensores da pátria então eu dizia para minha mãe:
– Porque a senhora não faz eu virar homem?
Ela dizia:
– Se você passar por debaixo do arco-íris você vira homem.
Quando o arco-íris surgia eu ia correndo na sua direção mas o arco-íris estava sempre distanciando. Igual os políticos distante de povo. Eu cansava e sentava, depois começa a chorar. Mas o povo não deve cansar, não deve chorar, deve lutar para melhorar o Brasil para nossos filhos não sofrer o que estamos sofrendo. Eu voltava e dizia para minha mãe:
– O arco-íris foge de mim.

Esse desejo exposto por Carolina Maria de Jesus traz a necessidade de se repensar como se deu a construção eurocêntrica e masculina da história do Brasil e buscar maneiras de sanar esse epistemicídio. Em um trecho da obra “Lendas de Dandara”, a cordelista cearense Jarid Arraes, traz uma reflexão sobre a influência da figura de Dandara para as palmarinas:

“As mulheres se espelhavam em Dandara
E se consideravam preparadas para as batalhas
Se sentiam unidas pela imagem da líder

Refletidas umas nas outras”

A representatividade, de acordo com Moscovici (2011), é algo necessário para a construção de subjetividades e sempre possui uma imagem e uma ideia. Quais as representações femininas que são apresentadas e ensinadas? Como é entendido o papel da mulher na sociedade brasileira? Essas provocações são importantes para que se questione as construções históricas alicerçadas no imaginário social brasileiro. A figura de Dandara alimenta essa lacuna criada na construção imagética dos heróis nacionais e traz caminhos para que se refaçam essas narrativas machistas estigmatizadoras.

A Comissão de Constituição e Justiça e de Cidadania aprovou em 2018 a inclusão do nome de Dandara dos Palmares no Livro dos Heróis e Heroínas da Pátria, 22 anos após a inclusão do nome de Zumbi no mesmo livro. Esse ato eterniza a contribuição histórica de Dandara para a história do Brasil.

4. ANÁLISE TEXTUAL DA OBRA *DANDARA: A RAINHA GUERREIRA DE PALMARES*

A obra *Dandara: A rainha guerreira de Palmares*, de Newton Nitro, publicada em 2015, apresenta diversas vertentes da personagem que dá título ao conto. Nota-se que o autor buscou se afastar da representação de Dandara apenas como a esposa de Zumbi, visão fruto de um apagamento histórico, mas sim apresentá-la como guerreira, guerreira de sua terra, de sua família, guerreira de sua liberdade e, acima de tudo, rainha de Palmares.

Nesse contexto, o empoderamento preto e feminino chegou a sua máxima representação. Dandara representa força, sabedoria e liberdade. Assim, busca-se aqui salientar elementos da obra que descortinem as diversas perspectivas da mulher forte, livre e combatente que foi Dandara. Cada ato corresponde a uma de suas facetas, como pode-se observar nos tópicos que seguem.

4.1 Guerreira

O 1º ato do conto inicia com Dandara no meio de uma batalha, desarmando um soldado. O armamento de guerra apresentado e utilizado na batalha é um “gubassá, seu facão-espada”. O facão estilizado a partir de características religiosas, por si só, é uma arma, no entanto, a ideia de apresentá-lo como uma espada, reforça a ideia de duelo. O nome gubassá vem referenciar vodun Gu, senhor da Guerra e da metalurgia, e este é reverenciado na produção da arma e até mesmo no uso dela.

A rainha guerreira continua sendo apresentada como alguém forte, agora através de suas atividades laborais. Ela forjou sua própria espada, exercendo uma atividade que eram tipicamente masculinas, principalmente dadas as condições de trabalho serem insalubres e exigirem muita força física. A suspeita de força física é corroborada pela visão de Dandara que derruba um soldado através de uma rasteira, golpeando-o com a arma, que resultaria na face da guerreira coberta com o sangue de sua vítima. Uma visão brutal, típica de uma guerra e que, mais uma vez, evidencia potência física.

[...]

Bradou Dandara, desarmando o soldado com sua gubassá, seu facão-espada, feito por ela mesma para ficar igualzinho a arma de seu querido vodun Gu, o senhor da guerra. Em seguida ela o derrubou com uma rasteira certa e o abateu, cravando a gubassá em seu pescoço. Sangue quente borrifou sua face. [...]
(NITRO, 2015, p. 5)

A guerreira bradava e rugia. Uma leoa protegendo os seus irmãos de cor, de luta, de batalha, de dores e de ideais. Apresentava-se, primeiramente, como Rainha dos Palmares, e somente depois como mulher de Zumbi. Sua identidade era marcada pela luta e pelo amor.

4.2 Leoa

No 2º ato pode ser notada a face do amor. O relacionamento de Dandara e Zumbi é mostrado de forma íntima e poética. A personagem principal já não possui a força agressiva e bárbara de outrora, pois agora sussurra o nome de seu amado. É o privado sendo apresentado. Os lábios se encontrando, o “meu Zumbi”, agora é apenas uma mulher forte que ama e é amada.

_Zumbi...

Ela sussurrou o nome dele, pertinho da orelha dele, como ele gostava. Seus lábios se tocando e vibrando no começo e estourando no final.

_Meu Zumbi...

Como a batida lenta de um atabaque.

Ele a agarrou, e eles se misturaram, os dois uma coisa só, um quilombo só deles, a mesma alma em dois corpos.

_ Me dê sua força, Dandara._ disse ele, cabeça aninhada entre suas pernas.

Ela o puxou e o beijou.

_ Leoa, os três vem comigo. Vamos dar combate ao demônio do Domingos, quebrar esse cerco. Separar ele do desgraçado do Bernardo Vieira.

_ Eu vou também!

_ Não, minha leoa! Você fica! Quem vai comandar aqui?

_ Você vai me separar dos meus filhos?

_ Levo Harmódio e Aristogíton então. Motumbo fica.

E, com ela escondendo suas lágrimas da vista dele, se abraçaram e se amaram de novo. (NITRO, 2015, p. 5)

A referência do abataque, instrumento de origem ancestral que está presente até hoje na cultura afro-brasileira, principalmente nas religiões de matriz africana como Umbanda e Candomblé, dá ritmo as palavras sussurradas e ao movimento dos corpos dos personagens. O

encontro de almas delicadamente descrito a partir da relação sexual, na qual os dois tornam-se um, conectados em sua própria luta poética, onde a força de Dandara é a explosão mais pura do corpo, da alma e do amor. Sua força alimenta Zumbi.

Dandara é leoa, forte, protetora e iluminada. Nota-se que este animal é, em diversas culturas, atribuído ao sagrado, representando deuses e deusas da mitologia e até mesmo na referência máxima cristã, a bíblia. Ela tem sua natureza africana, assim como a origem dos leões e leoas, vivendo em bandos que se protegem e se alimentam da caça da fêmea. Além de guerreira, também é deusa.

No dicionário Aulete Digital, o termo “leoa” possui ainda diversas interpretações:

1. Zool. A fêmea do leão .
2. P.ext. Mulher vistosa, muito enfeitada.
3. Fig. Mulher cuja sensualidade transmite uma certa agressividade.
4. Fig. Mulher corajosa, que luta com firmeza por seus objetivos.
5. Fig. Pej. Mulher de mau gênio.
6. Fig. Pej. Mulher perversa, cruel⁵

A personagem apresentada por Nitro é tudo isso. É vistosa, enfeitada na pele através de sua cor, na alma, com sua origem e força preta. Sua sensualidade agressiva por meio da força, onde agarra e é agarrada sem pudor. Corajosa, não foge de qualquer batalha. Nos significados pejorativos, é somente com aqueles que a querem cativa, que ameaçam seu povo, sua família, seu Quilombo. É cruel com quem é cruel com ela e com os seus, é o instinto animal de proteção.

A fragilidade da mulher só é demonstrada quando afeta o convívio com seus filhos. O medo da perda, da separação, leva Dandara às lágrimas, mesmo que de forma velada e rápida. O combate será contra os inimigos, chamados de demônios e desgraçados, representados pela figura de Domingos Jorge Velho e Bernardo Vieira, o primeiro, caçador de escravos e o outro, senhor de engenho.

Harmódio e Aristogíton, filhos do rei e da rainha de Palmares, possuem nomes de tiranicistas da história grega, que viraram a representação de democracia e liberdade, por volta de 514 a.C, em Atenas. A associação que pode ser feita, se mantém na linha de interpretação de garra e idealismo do clã familiar, causada por uma simbologia atrelada à história.

4.3 Amante

O 3º ato introduz a constatação de que Dandara amava Zumbi e este amor se prolongou por intermédio dos filhos. O autor traz a metáfora “sua barriga se desfez em águas três vezes”

⁵ <http://www.aulete.com.br/leoa>

(NITRO, 2015, p. 6) para dizer que a bolsa do líquido amniótico estourou três vezes, referindo-se aos partos que teve, gerando seus três filhos guerreiros. A ênfase sobre estes serem guerreiros é apresentada na luta vencida contra holandeses e portugueses.

No entanto, o povo branco, como são apresentados os europeus e seus descendentes, não desistia de lutar. A frase “a raiva dos brancos não tinha fim” (NITRO, 2015, p. 6) acaba indiretamente justificando a perseguição. Raiva! Raiva do povo escravizado, que só ansiava ser livre.

No conto, o amor que Dandara carregava estava intimamente ligado à causa do Quilombo, ao desejo de liberdade coletiva para o povo escravizado. Assim, a falta de harmonia nesse quesito fez com que seu amor por Gunga Zumba, seu primeiro companheiro, morresse. Um acordo de paz que sacrificava a liberdade dos pretos não fazia sentido para a guerreira, e da mesma forma, aconteceu com seu amor por Gunga. O amor à causa era prioridade.

[...]

Ela trocou Ganga Zumba por Zumbi.

E juntos, eles rejeitaram aquela paz com raiva, com uma raiva que ardia e não cicatrizava, como ferida de ferrão de arraia. Havia realidade naquela raiva, havia sentido naquele fervor, naquele desejo de escrever a própria história nessa passagem rápida pela vida, antes de ir para o Orum.[...] (NITRO, 2015, p. 6).

Juntamente com Zumbi, ela negou a paz condicionada à subordinação ao homem branco. Trouxeram a raiva como força motriz, que aos seus olhos existia de forma real e com sentido. A vontade de traçar seu próprio destino e escrever sua história era maior do que qualquer risco. Não valia a pena se entregar facilmente, “pois a vida é curta, e a vida do negro é mais curta ainda” (NITRO, 2015, p. 6).

Compreende-se o pensamento da personagem em relação à morte a partir de estudos historiográficos. Assim, como no período colonial não existia recenseamento demográfico ou qualquer outra forma de controle formal que pudesse demonstrar a taxa real de expectativa de vida dos negros, logo escravos, usa-se como base os dados obtidos do século XIX:

É verdade que as taxas de mortalidade dos escravos no Brasil eram muito altas em comparação, por exemplo, com as dos Estados Unidos, e nisso a historiografia recente corrobora a interpretação corrente. Compilando dados de inúmeras fontes, Schwartz mostrou que no Brasil do último quarto do século XIX a expectativa de vida dos escravos ao nascer variava em torno de 19 anos. O horror que essa cifra causa ao leitor contemporâneo só não é maior quando se sabe que a esperança de vida de um brasileiro não-escravo era de apenas 27 anos em 1879. (CARDOSO, 2008, p. 75-76)

A morte era algo frequente para a realidade desse povo, tal como o sofrimento e a dor. Portanto, Dandara sabia que qualquer escolha que fizesse em relação ao seu modo de viver, resultaria em uma rápida passagem por esse plano terreno, então, buscou resignificar sua forma de habitar nesse chão, onde o amor e respeito pelos seus ideais eram primordiais.

4.4 Mãe

No 4º ato da obra de Nitro pode se observar que os elementos maternos da personagem Dandara se entrelaçam com características da natureza local, e pode-se inferir uma relação entre a humanidade e a mãe natureza.

A percepção sobre a morte que foi apresentada no ato anterior é vista na prática sob o povo quilombola. O Quilombo havia sido invadido, uma mãe guerreira e preocupada deseja encontrar o único filho que havia ficado com ela para defender o território. Era comandante em um ponto de defesa, era seu aliado, era seu filho em risco.

Nesse contexto, todo o ato é composto pelo sinal triste e sombrio da morte e da derrota: penumbra, incêndios e sangue quilombola, este que ficou marcado na mãe natureza e na mãe Dandara. As mortes ocorriam pela mata, próximo as águas, como se pode notar pela referência utilizada na vegetação, com nomes populares femininos: uapés (Vitória-régia)⁶, nas damas-do-lago⁷ e ervas-de-santa-luzia⁸. Apesar de ser noite, Dandara conseguia indicar por onde os tiros passavam, cortando a flora local, assim como cortavam seu ser de forma indireta. A lua cheia não lhe atraía, a comparou apenas como um prato de papa de carimã, isto é, o mingau de puba, e percebe-se, mais uma vez, uma possível relação à maternidade, visto que este é um alimento utilizado na introdução alimentar de bebês.

A narração continua sob um povo de vista sombrio e de massacre, pois o quilombo está em chamas e a fumaça continua deixando a noite mais pesada e cinzenta. O “cheiro de carne torrada” (NITRO, 2015, p.7) completa a visão infernal. Um inferno na terra se forma, a dor ocupa os sentimentos da personagem. Ao afirmar: “tudo era dor agora” (NITRO, 2015, p.7), nota-se um sofrimento que ultrapassa a barreira física, é uma dor na alma, dor de mãe em ver seu povo e sua terra queimar.

[...]

No alto dos restos da igreja do quilombo, a bandeira de São Benedito queimava, o que machucou mesmo ela, que carregava em si a fé nos voduns, que sua mãe guerreira trouxe de Daomé.

⁶ <http://michaelis.uol.com.br/busca?id=G91Kd>

⁷ https://www.tudosobreplantas.com.br/asp/plantas/ficha.asp?id_planta=39985

⁸ https://www.agrolink.com.br/problemas/erva-de-santa-luzia_564.html

Ela pisou em um bonequinho de capuco de milho e retalhos de estopa, e seu coração apertou pelas crianças do quilombo. O que seriam delas? Crianças nascidas livres?

_Motumbo!

Os soldados continuavam a carnificina, mosqueteando ou espadejando, içando quilombolas em pontas de lanças.

[...] (NITRO, 2015, p.7)

Os locais são descritos como “restos”, são apenas ruínas de lembranças e memória, seja de São Benedito, negro e pobre, filho de escravos, que também carregava a fé nos voduns, seja da mãe de Dandara, que nos é apresentada como uma guerreira de fé. A visão torturante de ver a liberdade ameaçada das crianças livres criadas em Palmares. Passa a lembrar de sua criança, aquele a quem procurava, Motumbo.

Não tinha como haver paz, pelo menos não essa paz seletiva e doentia, na qual as liberdades individuais e coletivas não eram respeitadas. Ao se defenderem, os quilombolas de Palmares buscavam vingar-se de quem os matavam há tempos, de quem os forçava a esquecer a sua origem. Palmares era resistência, era liberdade, era esperança. Seus princípios e preceitos são eternos na história da luta preta, a escravidão de cabeça foi quebrada ali, não há medo da morte e nem da luta, pois resistir ao opressor é existir, e essa é a maior arma de todas na luta pela liberdade sua e dos demais.

Palmares revelou que ser livre é assumir a responsabilidade de libertar quem quer que queira ser libertado. É semear o desejo de liberdade nas almas onde esse desejo está abafado pelas cicatrizes do cinismo, da desesperança, da falta de sonhos. Quebrar a escravidão de cabeça, que era a pior de todas, que começa com o medo da morte. Correntes prendendo cabeças adentro. Correntes que Palmares arrebatara. E era o que aterrorizava os poderosos. (NITRO, 2015, p.7)

4.5 Livre

Armas não intimidavam Dandara ou seu filho. A morte não os amedrontava. O único receio era o da escravidão: a prisão de espírito, de negação a suas origens e de não poder ser quem eram. Essas eram as verdadeiras correntes que os aprisionavam.

Dessa forma, voltar a ser escravo não era uma opção e num ato de defesa de sua mãe guerreira, Motumbo foi assassinado na frente da mãe. Mais uma voz de resistência silenciada, entretanto, a leoa rugiu e atacou em defesa dos seus.

Seu filho disse não. Dandara disse não. Ambos resistiram, pois todos em Palmares eram homens e mulheres livres de corpo, mente e espírito. Assim, ao se ver encurralada, ela se jogou, voou como uma ave rumo a liberdade e eternidade, mais uma vez ela fazia seu próprio destino. Foi guardada nos braços de sua fé, de tudo que acreditava. Finalmente livre das correntes humanas, seguindo para um paraíso livre, igualitário e eterno, pelo qual tanto lutou e

mereceu viver: “[...] E Dandara saltou da atalaia, e viu o próprio corpo cair para virar comida dos catitus, enquanto, aninhada no abraço carinhoso de seu vodun Gu, seguiu para o Orum, de onde já avistava a luz dourada de uma Palmares eterna e livre”. (NITRO, 2015, p.8)

Por fim, Dandara é a representação completa da força feminina preta. Todas suas facetas se completam e se encaixam na visão de uma mulher idealista e que sabe o que quer e o que tem que fazer para atingir seus ideais. Ela não precisa viver à sombra de um homem para fazer sua história ser importante e única. Dandara é rainha por si só, guerreira, apaixonante, maternal e acima de tudo, livre para ser quem ela quiser, respeitando e valorizando sua origem, seu povo e sua fé.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O registro histórico de determinados períodos do Brasil baseou-se em uma visão eurocentrista, patriarcal, colonizadora e racista. Dessa forma, a ideologia dominante que ressoou os vestígios do colonialismo compulsório, silenciou por muito tempo, vozes que foram resistência nos mais diversos períodos da história brasileira. No entanto, através de recursos literários, tais como a metaficção histórica, e das discussões estabelecidas pelos estudos decoloniais, pode-se recontar e fazer reviver personagens importantes, dando a eles o protagonismo devido, onde a realidade e a imaginação se misturam, criando figuras ainda mais fortes em ideais e em identidade.

A mistura entre elementos reais, como a utilização de outros personagens masculinos que são citados no conto e amplamente registrados na história brasileira, dão um ar de veracidade à narrativa fictícia. Aproximam o leitor da visão construída no imaginário do autor.

Nesse sentido, Dandara, que anteriormente costumava ser apresentada somente como uma personagem histórica acessória, passou a ser apresentada na literatura recente, tal qual na obra de Newton Nitro, como uma protagonista cheia de representatividade, independente do papel que assumia na sociedade naquele momento. Assim, os aspectos levantados no conto reconfiguram a narrativa repercutida historicamente no imaginário coletivo, trazendo uma atualização à figura de Dandara, indo de encontro aos movimentos de apagamento promovidos pela violência da colonização.

Por fim, a análise da obra *Dandara, a rainha guerreira de Palmares* aqui apresentada almejou trazer uma personagem que é a representação da força da mulher preta nos mais diversos sentidos. As concepções atuais de empoderamento e representatividade levantam

bandeiras significativas a uma geração de pessoas da comunidade negra, assim, ter uma figura feminina que faz parte não só da ficção, mas também da luta histórica de resistência brasileira é de suma importância para o fortalecimento do movimento afrodescendente no Brasil e de sua consciência identitária, pois é necessário recontar para empoderar.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **As lendas de Dandara**. Editora da Cultura, 2016.

CARDOSO, Adalberto. **Escravidão e sociabilidade capitalista: um ensaio sobre inércia social**. Novos estud. - CEBRAP, São Paulo, n. 80, p. 71-88, Mar. 2008. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002008000100006&lng=en&nrm=iso. Acessado em 28 Set. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002008000100006>.

CRISTINA, Odete. TRISTAN, Jenifer. **Dandara, Aqualtune e Luiza Mahin: Mulheres negras na luta contra a escravidão no Brasil**. In: Dossiê dia da mulher negra, latina e caribenha. Esquerda Diário. Disponível em: <https://www.esquerdadiario.com.br/Dandara-Mulheresnegras-na-luta-contra-a-escravidao-no-Brasil>. Acesso em: 12 Ago. 2020.

COELHO, Penélope. **HARMÓDIO E ARISTÓGITO: os amantes assassinos da antiga Atenas**. Aventuras na História, 2020. Disponível em <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/harmodio-e-aristogito-os-amantes-assassinos-da-antiga-atenas.phtml>. Acesso em 12 set. 2020.

DE BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Nova Fronteira, 2014.

DUARTE, Rosália. **Cinema & educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ELIZALDE, Paz Concha; FIGUERA, Patrícia; QUINTERO, Pablo. **Uma breve história dos estudos decoloniais**. São Paulo: MASP Afterall, 2019. Disponível em: <https://masp.org.br/uploads/temp/temp-QE1LhobgtE4MbKZhc8Jv.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2021.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 52. ed. São Paulo: Global, 2013.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Organização Liv Sovik. Tradução: Adelaine La Guardiã Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

HUTCHEON, L. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

LEOA. **Dicionário Online Aulete Digital**. Disponível em <<http://www.aulete.com.br/leoa>>. Acesso em 14 set. 2020.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. Selo Negro Edições, 2014.

MANGUEIRA, Ana Beatriz da Costa. **A contribuição do pensamento decolonial para o ensino básico e o acadêmico brasileiro: desafios e perspectivas**. In: XVII Congresso Internacional América Latina: Resgatar a democracia. Repensar de integração. 2019. Foz do Iguaçu. Disponível em:

https://www.congresso2019.fomerco.com.br/resources/anais/9/fomerco2019/1570034253_ARQUIVO_e1bf831ab506982de342d0b73fb4af5.pdf. Acesso em 01 de maio de 2021.

MOSCOVICI, S. **Representações Sociais: Investigações em Psicologia Social**. Trad. Pedrinho A. Guareschi. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MOURA, Clovis. **Rebeliões da senzala**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.

NITRO, Newton. **Dandara, a rainha guerreira de Palmares**. Belo Horizonte, 2015.

PALM, Keila Aparecida; MASSAGLI, Sérgio Roberto. **Entrelace de literatura, história e ficção na narrativa metaficcional historiográfica O Bruxo do Contestado**. UFFS, 2015. Disponível em <<https://rd.uffs.edu.br/handle/prefix/335>> . Acesso em 25 set. 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Editora Buenos Aires: Colección Sur Sur, CLACSO , 2005. p. 117-142. Disponível em: <file:///C:/Users/dsrvd/Downloads/Quijano%20Colonialidade%20do%20poder.pdf>. Acesso em 01 de maio de 2021.

SORIANO, Roberto Gallén. **O leão na mitologia**. Nova Acrópole, 2020. Disponível em https://www.nova-acropole.pt/a_leao_mitologia.html . Acesso em 13 set. 2020.